

[psics.psix.141@gmail.com](mailto:psics.psix.141@gmail.com)

13.800 words

## **SÉRIE CONTOS**

**Uma Breve Jornada de Ciência e  
Entretenimento**

por J. P. Vertulli

# O Ocaso da Ignorância

“A coisa mais misericordiosa do mundo, acho eu, é a incapacidade da mente humana correlacionar tudo que ela contém. Vivemos em uma plácida ilha de ignorância em meio a mares tenebrosos de infinidade, e não estávamos destinados a chegar longe.

As ciências, cada uma puxando para seu próprio lado, nos causaram poucos danos até agora, mas algum dia a junção das peças do conhecimento disperso descortinará visões tão terríveis da realidade e de nossa pavorosa posição dentro dela que só nos restará enlouquecer com a revelação ou fugir da iluminação mortal para a paz e a segurança de uma nova idade das trevas”.

H. P. Lovecraft

Acordei!

Eu sou SONIAL, Ithalus Sonial é meu nome e isso foi objeto de muitas zombarias em minha infância. Ithalus é um prenome um tanto raro que me foi dado em homenagem a árvore mais antiga da Europa, um pinheiro dos Balcãs, que se encontra no Parque Nacional de Torino, no sul da Itália, que possui mais de 1.200 anos e ainda cresce. Poderia ser mais tradicional, como Jorge, mas meus pais preferiram esse antenome porque desejavam que, tal e qual o pinheiro, eu fosse alguém que nunca parasse de evoluir. Eles não poderiam imaginar como daria certo.

O dia é 25 de agosto de 2032, o relógio mostra 11:07. Não é incomum despertar nesse horário, na verdade, considerando minha rotina e o fato desta

ser a primeira noite em minha cama após um exaustivo período de internação hospitalar de três meses, essa é uma jornada absolutamente normal. Lembro-me do motivo da internação: cetoacidose diabética, entre seus inúmeros sintomas estava a alucinação como um dos mais comuns. Com a diminuição do pH do sangue, ou seja, o aumento de sua acidez, o óbito também é um dos resultados possíveis, deixando o hálito da pessoa com um odor de frutas maduras. Pode-se dizer que a pessoa fica doce demais para permanecer neste mundo. Alguns evocariam a Deus, outros ao destino ou ainda ao acaso para atribuir a responsabilidade dessa condição inconveniente, mas, no meu caso, penso ter sido apenas uma relação de causa e efeito. Sendo este o desenvolvimento da doença e aquela a adoção de maus hábitos alimentares ao longo da vida.

Já sabia que era diabético pelos sintomas que percebi há mais de 5 anos, mesmo sem ter sido diagnosticado, por não ter costume de frequentar médicos. Porém, como era de meu conhecimento que os efeitos, muitas vezes, costumam demorar até o dobro desse tempo para se manifestar, não dei muita importância e fui “surpreendido”. Apesar disso, não parecia que já estivesse com 63 anos de idade, sentia-me bem como se, durante o sono, tivesse respondido se o espaço-tempo era quantizado, uma das perguntas que intrigavam e incomodavam físicos do mundo todo há décadas, ou mesmo, como se tivesse desvendado o segredo por trás da KIC 8262852, também conhecida como Tabby, uma estrela cujo comportamento, com variações aleatórias de seu brilho, desafia os modelos que definem a forma como um astro deve se comportar. Sim! Gosto de ciência! Especialmente do potencial que ela possui para abrir nossas mentes a uma miríade de ideias e possibilidades.

Meu estômago me lembra que é a hora de um hamburger matinal, pois sigo o adágio popular: “um hamburger por dia, traz saúde e alegria”. Embora o ditado original mencione maçãs, eu prefiro a minha versão. No final das contas, ambas possuem apenas 50% das afirmações verdadeiras, porque a maçã poderia trazer saúde, porém, pelo menos para mim, era o hamburger que proporcionava a alegria.

Deveria ser uma quarta-feira comum, entretanto havia algo estranho. O ambiente estava extremamente escuro, mesmo através da pesada cortina do meu quarto, que não abro há anos, costuma passar uma quantidade de fótons (quanta de luz) suficiente para clarear o recinto. Será que são 11 da noite? Não! Meus relógios são configurados no formato de 24 horas, portanto se estivesse no período noturno, o número no visor seria 23. Levanto e vou para a sala olhar pela janela, pois não acho que a curiosidade de ver uma nuvem densa ou um tempo chuvoso seja o bastante para quebrar a tradição de manter as cortinas fechadas. Através das janelas da sala percebo a escuridão e, ao olhar para cima, percebo que não era uma intempérie, porém não consigo compreender o que há de errado com o céu. Parece de algum modo metálico, como se o planeta estivesse envolto por uma esfera de alumínio ou magnésio. Fiquei “descortinando” diversas eventualidades, imaginando do que poderia se tratar: uma ilusão de óptica, um fruto da minha imaginação, talvez uma alucinação (lembrei da *diabetes mellitus*). Além dessas, outras possibilidades também habitavam minha mente, como o efeito de um derrame ou, até mesmo, o início de um estado de loucura. Todavia, se esse fosse o caso, eu possuía muita companhia, pois acabara de perceber que a rua estava cheia de pessoas, algumas das quais apontando freneticamente para cima. Claro que elas

próprias também poderiam fazer parte de meu potencial estado alterado de consciência. Teria que escolher no que acreditar depois de obter mais informações.

Apesar disso, considerei que mesmo que estivesse louco ou “vendo coisas”, contanto que pudesse distinguir o real do ilusório, nem um médico eu procuraria, bastaria ignorar o que não fizesse sentido e com o tempo isso seria tão comum que o meu córtex passaria a proceder assim naturalmente. Nada de médicos! Já chegava de hospitais.

Ainda assim estava inquieto, mas deixando os devaneios de lado, compelido pela curiosidade e na tentativa de saná-la, ocorreu-me ligar a televisão. Um utensílio que, praticamente, já havia sido abandonado por mim, sobretudo no que concerne a programas jornalísticos, que há muito abandonaram seu papel de prestadores de informação, onde eram pautados por neutralidade e isenção. Seu novo norte se tornou a persecução de uma postura mais agressiva, de formadores de opinião, defendendo ideologias próprias, muitas vezes controversas, e objetivando a realização de uma verdadeira lavagem cerebral em seus telespectadores. Elas não deixariam passar a oportunidade de disparar suas impressões sobre um evento tão significativo, digladiando-se para encabeçar as primeiras posições na corrida ou na guerra pela audiência. Em uma breve análise sociológica, mais um expediente desvirtuado pelo comportamento humano. Um cenário entristecedor, mas que neste momento, em tese, atenderia a sua antiga finalidade de prestar informação. Claro que, mesmo nesse contexto, seria necessário deixar ligados nossos filtros anti sensacionalistas.

Estava em todos canais. As notícias davam conta que surgiu do nada, de

repente, maior que o planeta, um objeto gigantesco perto da Terra. Fazia mais sentido do que a bola metálica que imaginei primeiramente, circundando-a, mas como de costume a mídia “especializada” não apresentava nada que corroborasse ou que, minimamente, sustentasse suas afirmações. É verdade que o tamanho e a massa dos objetos pode ser enganosa, sobretudo quando estimadas separadamente. A maioria das pessoas, por exemplo, não sabe que todos os cupins do mundo somados pesam mais de 10 vezes a totalidade dos indivíduos de nossa espécie. Contudo, independentemente dessa e de outras aparentes aberrações estatísticas, ainda havia muitas perguntas sem resposta: Como algo tão grande não foi visto se aproximando por nenhum observatório ou mesmo observador amador ao redor do mundo? E o campo gravitacional que tal massa deveria gerar? Não afetava a Terra ou o Sistema Solar? Ninguém questionava nada disso!

Um estudo sobre agregados sociais e psicologia das massas, publicado em 2029, já havia chegado a uma conclusão que esse comportamento comprova: Somos todos ignorantes! Pelo menos quando avaliados como uma coletividade, pois individualmente muitos elementos se destacavam. O físico teórico, Stephen Hawking, foi um exemplo, entre suas muitas contribuições, estabeleceu conceitos importantes sobre a inflação cósmica, os buracos de minhoca, teoremas de singularidade e a própria relatividade geral, não tendo, infelizmente, vivido para terminar aquela que seria sua mais importante obra, a Teoria do Campo Unificado ou a Teoria de Tudo, como passou a ser conhecida. Além dele, através dos séculos, muitos representantes de nossa espécie figuraram na história com distinção.

Por outro lado, em conjunto, muitos de nós sequer consideravam a

possibilidade da existência de vida extraterrestre, cientes apenas de nossas próprias vidas e do que acontecia a pouco mais de um palmo a frente de nossos narizes. Éramos apenas mais uma das várias espécies primitivas que habitavam o planeta e ficaram surpresas e assustadas ao olhar para o céu e ver algo diferente. No caso em questão, um objeto colossal que ocupava todo o espaço visível e que surgiu do nada. Tão grande que não se conseguia captar sua forma, contudo uma coisa era certa: ela era a responsável pela escuridão, pelo Sol não poder ser visto. Lembro de uma história onde índios não conseguiram avistar as caravelas dos homens brancos, por não reconhecerem essas estruturas. Seus cérebros filtravam a informação e não era possível para eles processar a imagem e enxergar as embarcações. Foram surpreendidos pela presença de estrangeiros em suas praias.

Algo parecido poderia estar acontecendo conosco? Percebíamos a ausência súbita da luz, mas não éramos capazes de vislumbrar uma imagem coerente? Dessa forma, só conceberíamos uma aproximação do que os nossos aparelhos visuais realmente captavam, só o que nossos cérebros eram capazes de processar. Isso, mesmo um tanto insólito, parecia mais provável do que a existência do objeto de proporções astronômicas que acreditávamos estar avistando.

Talvez o motivo fosse eu ser um aficionado por ciências ou por ser infenso às mudanças e à ausência de explicações coerentes. O fato é que, simplesmente, fui incapaz de parar de questionar a veracidade de tudo que estava sendo divulgado e mesmo do que estava vendo. Permaneci incrédulo por um bom tempo, até me lembrar de algo que assisti quando era criança na série *Cosmos*, apresentada, à época, por *Carl Sagan*. O episódio em questão falava sobre

dimensões.

Com o intuito de explicar os diferentes cursos de ação possíveis de um ente de uma dimensão superior em outra inferior e suas respectivas percepções sob as perspectivas de 2D e 3D, ele postulou a existência de seres vivos bidimensionais interagindo com um ser tridimensional. Primeiro pediu que imaginássemos uma folha de papel e desconsiderássemos sua espessura para ter a verdadeira compreensão de uma seção de um universo bidimensional. Feito isso, a tarefa era pensar em um ser vivo em forma de círculo habitando essa porção de universo. Sua moradia, representada por um quadrado maior que o circunscrevia, não podia ser transpassada por ele sem uma abertura, assim como nós precisamos de um buraco, janela ou porta para atravessarmos uma parede em nosso universo tridimensional. Agora imaginemos um ser vivo em forma de lápis em 3D (na verdade creio que *Sagan* optou por uma maçã, mas ficarei com meu lápis). Ao tocar o plano 2D quase nada de seu corpo poderia ser visto, apenas a parte em contato com ele, digamos sua base ou sua ponta. Assim, primeiro ele pareceria bem menor do que era na verdade. Além disso, não seria visível se não interceptasse o plano dos seres circulares e também poderia viajar imperceptível e atravessar quaisquer obstáculos andando pelo seu terceiro eixo e ressurgindo no lugar em que quisesse do plano bidimensional, ao interceptá-lo.

Esse pensamento fez com que eu entendesse, por conjectura, como seria possível ocorrer a aparição súbita de um objeto incomensurável na "nossa vizinhança" sem ser detectado previamente. Embora ainda não explicasse o campo gravitacional ausente, já era um começo. Postular uma teoria e encontrar uma explicação me acalmava e suavizava meu semblante, por isso

sempre foi comum não parar até encontrar uma forma de entender o que me cercava. Acredito que, mesmo durante o sono, minha busca continuasse em situações onde estivesse muito intrigado. Posteriormente outras considerações sobre a não influencia da gravidade povoaram meus pensamentos. A mais plausível ainda envolvia dimensões e agora, também, o comprimento de Planck. Utilizava o conceito das p-branas, proveniente da Teoria das Cordas. Ocorre que o comprimento de Planck pode ser definido a partir de três constantes físicas fundamentais, sendo uma delas a gravitacional (a velocidade da luz no vácuo e a constante de Planck são as outras duas).

Enfim, talvez, o efeito da gravidade pudesse ser “escoado” em uma outra das 8 dimensões concebíveis (1 temporal e 7 espaciais, além das nossas 3 velhas conhecidas) que são necessárias para corroborar matematicamente a Teoria-M, ou, extrapolando ainda mais conceitos na tentativa de postular um esclarecimento, até em outro “universo” do Multiverso, separado do nosso por p-branas. Pensando dessa maneira, lidar com a gravidade não era hipoteticamente impossível, apenas estava além do nossa expertise técnica atual (de fato, muito além).

Ao contrário de minhas suposições, a comunidade científica já havia fixado conceitos e elaborado teorias diferenciadas com o fito de explicar o surgimento do objeto. Os mais proeminentes astrofísicos mundiais pareciam ter chegado a um consenso e a resposta: matéria escura. Seria a presença dela a responsável por fornecer as condições necessárias para a repentina aparição do imenso objeto.

As divergências que ainda existiam tratavam apenas de como ela estaria disposta. Alguns defendiam que a mesma se apresentava de forma longitudinal,

como uma gigantesca barreira ou mesmo um muro cruzando a Via Láctea tal e qual uma lança descomunal que nos impediu de observar sua aproximação ou sentir seus efeitos gravitacionais. Outros afirmavam que ela se dispunha como uma redoma ao redor do nosso planeta. Essa última, menos sensata, lembrava a ideia dos terraplanistas,<sup>1</sup> onde a Terra estaria circundada por um globo, como aquelas pequenas lembranças que se compram em algumas cidades e que, quando agitadas, imitam a neve caindo. A diferença é que o globo seria feito de matéria escura e não de vidro.

Mesmo desafiando a lógica, carecendo de comprovação matemática e não atendendo a princípios científicos basilares, como o da Navalha de Occam ou, até, o Princípio de Kiss<sup>2</sup>, essas explicações foram aceitas sem discussões. Falando especificamente de Occam, essa regra era comumente interpretada de forma errônea, a meu ver, como sendo a adoção da explicação mais simples, quando na verdade seria a que possui menos variáveis para serem comprovadas. Entendo que, com menos variáveis, uma equação, por exemplo, seria mais simples, mas isso não implica que as duas concepções sejam idênticas. No caso das teorias envolvendo matéria escura, além de desprezar o fato de que era inusitado algo aparecer do nada perto de nosso planeta, o que já teria sido descoberto se realmente existissem “anteparos” dessa substância em torno ou próximos a nós; também envolviam um número virtualmente incalculável de variáveis em torno da pouco conhecida *dark matter*. Por fim,

---

<sup>1</sup> Pessoas que defendem que a Terra é plana como um disco e não redonda (geoide na verdade). Acreditam que todas as provas em contrário fazem parte de uma conspiração. Entre as referidas provas está a viagem do homem à Lua.

<sup>2</sup> KISS - Keep it Simple, stupid, é um princípio de design que surgiu na marinha dos EUA em 1960, e que significa Mantenha Simples, idiota. Esse princípio afirma que os sistemas funcionam melhor se forem mantidos simples em vez de complicados.

essas teorias nos faziam desacreditar de todos os foguetes e satélites que já lançamos e que não desapareceram como mágica devido a essa suposta matéria que nos envolvia. Teriam todos eles atravessado por furos geoestacionários nessa cobertura? Modestamente tive apenas uma opinião sobre as teorias propostas: RIDÍCULAS!

#

Ao longo dos dias que se seguiram houve excesso de especulação. Em um mar de pouca ciência e muita imaginação havia até quem afirmasse se tratar de um fenômeno natural. Embora, para quem acreditasse que a "metalização" do firmamento pudesse ser um evento espontâneo, verdadeiramente nada seria impossível de ser aceito levianamente e sem maiores considerações.

Os dias continuaram a passar, se transformaram em semanas e ainda não havia nenhuma movimentação ou sinal de manifestação do que agora a maioria acreditava ser uma espaçonave extraterrestre. Um amigo, fazendo pilharia, até chegou a sugerir que havia "acabado a gasolina". Apesar do tom burlesco de alguns, ninguém estava satisfeito com as potenciais implicações disso. Os líderes das principais nações do mundo demonstravam grande preocupação com os efeitos a longo prazo sobre a fauna e a flora, que já amargavam há muito no breu. Incontáveis reuniões estavam sendo realizadas após as infrutíferas tentativas de comunicação com o objeto cuja sombra encobria toda Terra.

Sob o ponto de vista hipotético dos possíveis extraterrestres, a simples

proximidade ao planeta poderia significar o ato decisivo de uma guerra. Se suas intenções fossem hostis ou mesmo genocidas, se visassem exterminar toda a vida no planeta, bastaria ficar naquela posição sem fazer movimento algum.

O físico e matemático inglês, Isaac Newton, disse uma vez que "a natureza não faz nada em vão e o que é mais é em vão *quando basta o menos*". Esse era o mesmo tipo de situação em que a misteriosa nave se encontrava. Com apenas paciência e sem disparar um tiro, toda a vida no planeta seria extinta se o contato com a luz do sol não fosse restabelecido. A sobrevivência da raça humana dependeria da quantidade de energia que pudesse produzir, mas, na melhor das hipóteses, os remanescentes sobreviveriam apenas alguns anos enquanto seus combustíveis durassem. A flora seria a primeira a partir, pois não seria capaz de realizar fotossíntese sem a luz. Por sua vez, sem a vida vegetal, também poderíamos nos despedir dos animais que se alimentavam dela, os herbívoros, seguidos pelos carnívoros que se alimentavam deles. Para completar o quadro catastrófico, sem o calor provido pelo Sol, o planeta esfriaria e, aos poucos, nossas reservas hídricas, rios, mares e oceanos congelariam.

Não obstante a simplicidade que seria nos eliminar sem nada fazer, uma ação direta poderia resolver a questão em minutos. Se houvesse um pequeno contato com o planeta, além do estrago no ponto de impacto, outro possível efeito seria retirá-lo de sua órbita causando uma catástrofe. Os mesmos resultados poderiam ser obtidos ao parar de interferir com a gravidade e deixá-la seguir seu curso natural. Todos os cenários geravam muita apreensão.

Enfim, a despeito da tensão dessa espera, estava calmo, provavelmente por perceber que nada havia a ser feito, sobretudo por mim. Contudo, esse

pensamento foi vítima da mais pura e completa ironia quando uma fonte de luminosidade muito forte, que conseguia ser visível mesmo através do *blackout* da sala, pairou do lado de fora de minha janela. Embora um pouco relutante, fui ver quem resolveu dizer “faça-se a luz” em meio a caligem. Para minha surpresa três orbes flutuando em torno do que aparentava ser uma placa de metal apareceram diante de meus olhos. Eles deixaram o local velozmente e, ao mesmo tempo, a placa, ou melhor, o instrumento desapareceu e, em seguida, reapareceu sobre a mesa da sala. Ao me aproximar começou a reagir, deveria ser o equivalente de nossos *tablets*, mesmo aparentando ser uma mera folha de metal similar aquele do qual a nave a distância parecia ser feita. Ele era prateado e brilhava em diagonal, do centro para as extremidades, onde símbolos que deveriam compor uma linguagem surgiam seguidamente. Embora a princípio não mostrasse nada discernível, aos poucos, começaram a se formar frases em um idioma humano, a língua portuguesa. Pensei que deveriam estar analisando as civilizações terrestres nesse tempo de aparente inatividade. Isso podia ser deduzido até sem as informações que apareciam na “tela”, somente com a forma de sua apresentação. No aparelho as letras utilizavam uma fonte pouco conhecida, denominada “Sitka Text”, com fonte de tamanho 12 e espaçamento de 1,5. Reconheci de imediato porque, recentemente, passei a utilizá-la em meus textos.

Estava contemplando o aparelho em minhas mãos e imaginando como ele funcionava. Apesar de emitir luz, esta não parecia estar relacionada com o seu *display*, não fazia brilhar um fundo para iluminar as imagens que formava, como em nossos celulares e *tablets*. Na verdade seu comportamento lembrava mais um *e-ink*, o princípio da tinta eletrônica, como em um *kindle* e outros

dispositivos do gênero. Neles milhares de pequenos pinos subiam e desciam para compor os textos e as demais formas e, uma vez que estivessem prontas, não gastavam energia para mantê-las. A julgar pela resolução deveria ser composta por bilhões de nanoscópicos pinos, talvez até pudesse ser o trabalho de *nanites*.

Para poder aproveitar tal tela, seus olhos deveriam ser enormes e possuir grande quantidade de evoluídos omatídeos<sup>3</sup>, como os de insetos. Além disso, seu córtex visual deveria ocupar muito espaço em seus crânios. Em conjunto isso sugeriria caixas cranianas bastante avantajadas. A imagem que vinha a minha mente era muito parecida com a descrição típica de ET's supostamente já avistados nas controversas abduções relatadas em nosso planeta. Claro que tudo isso não passava de conjectura, pois nós mesmos tínhamos o estranho hábito de produzir equipamentos que estavam além do limite de nossos 5 sentidos. O tamanho padrão da tela de um iPad, por exemplo, não justifica a alta taxa de resolução que é disponibilizada para nós. Da mesma forma alguns equipamentos de áudio atingem intensidades e frequências muito além do nível de percepção e tolerância de nossos ouvidos. Essa tendência inconsistente, nossa falta de habilidade de correlacionar a capacidade máxima de nossos órgãos com o desempenho de nossos apetrechos, está presente em muitos de nossos aparelhos tecnológicos.

Mais uma vez, flagrei-me tentando entender a mecânica do funcionamento de um aparelho e até o possível fenótipo de uma espécie, ignorando o quão

---

<sup>3</sup> Células com superfície externa em forma hexagonal, onde cada unidade funciona como um olho simples, e que, em conjunto, aos milhares, geram uma imagem formando uma espécie de mosaico.

surpreendente era a ferramenta que estava em minhas mãos. Maus hábitos, como esses devaneios, são difíceis de largar. Mais importante que isso, deveria estar me perguntando, porque aquilo estava em minha posse. Obviamente estava relacionado com a aparição, pois não reconhecia a tecnologia, nem a forma de envio. A menos que os Correios, que haviam sido privatizados uma década antes, tivessem finalmente mostrado algum sinal de melhoria em seu desempenho. Claro que isso não seria possível, no caso deles, a encomenda “interplanetária” não ter sido extraviada me surpreenderia ainda mais do que a própria tecnologia, visto que nem minhas encomendas chinesas conseguiam ser entregues com regularidade por aquela lamentável empresa de encaminhamento de cartas e transporte de objetos. Gostaria de habitar uma realidade alternativa onde a Amazon, empresa que muito admiro, tivesse emergido vitoriosa do processo de privatização daquela instituição, divulgado no ano de 2021. Em minha opinião a única com competência suficiente para fazer eclodir a ordem no caos procedural daquele estabelecimento. Nas palavras do saudoso Enéas Carneiro, Médico e candidato à Presidência da República nos anos de 1989, 1994 e 1998, “uma ilhota de negação de entropia” no oceano das entidades do gênero. O grau de eficiência dessa companhia, mesmo naquela época, chegava a ser tão elevado que enviava uma mensagem aos proprietários de seus dispositivos inteligentes anunciando a entrega de suas aquisições quando estas se encontravam disponíveis nas portarias de seus lares. Uma organização a beira de se tornar um ser vivo senciente.

A despeito dessas considerações “importantes” passarem pela minha cabeça, outro era o ponto principal, ainda mais importante do que a incrível peça de engenharia. Porque eu fora escolhido para receber aquele presente? Ou será

que muitas pessoas ao redor do mundo o haviam recebido? Não! Se fosse esse o caso, o fato já teria sido descoberto e a mídia já o teria divulgado, distribuindo a informação por todos os cantos do mundo, mesmo que os governos tentassem evitar que a notícia se espalhasse. Sendo assim, outra pergunta me incomodava, quais critérios teriam sido utilizados para me escolher? Genotípicos, fenotípicos, comportamentais, espirituais ou algo que sequer era capaz de conceber ou entender? Enquanto me fazia essas perguntas, pensei em largar o dispositivo e, instantaneamente, ele mudou de forma se atando a meu braço como um tensor de pulso com aparência de um largo relógio digital. Depois de me recompor do susto acabei me acostumando com o objeto.

Posteriormente descobri que fui encontrado devido a uma publicação de um texto em um site obscuro e pouco conhecido chamado [Ponto de Partida para Potenciais Posicionamentos Polêmicos - P6](#). Nele havia publicado uma história de ficção sobre o assunto e, estranhamente, colocado meus dados reais como CEP, e-mail e até dois QR Codes estáticos para possíveis contribuições visando incentivar a criação de novos trabalhos de ficção. Uma coisa que jamais havia feito antes. Nunca me importei em assinar meus trabalhos, pois sempre achei que a ideia era mais importante do que seu autor. Entretanto, na nossa sociedade, onde praticamente tudo é monetizado, havia um preço até mesmo para o [conhecimento](#) e a inspiração, porque até para pensar é preciso sobreviver.

No conto teorizei, despretensiosamente, por não se tratar de fato de um trabalho científico, os princípios fundamentais pelos quais o objeto colossal, avistado nas imediações da Terra, poderia ter se aproximado do nosso mundo e como ele poderia se movimentar livremente sem afetar os corpos celestes a sua

volta com efeitos gravitacionais. Supondo que estivesse certo, já que foi isso que despertou o interesse dos extraterrestres por mim, imagino que tenha sido o equivalente humano de um micrório dizer o valor de *Pi* enquanto era observado por cientistas do "alto" de sua *Placa de Petri*. Ocorre que, conforme supus anteriormente, eles aproveitaram o tempo em que estavam aparentemente parados, substituindo o firmamento, para nos conhecer. Todas as transmissões, inclusive o fluxo de dados da *internet*, estavam sendo monitoradas por seu veículo titânico. Com a capacidade de processamento que a nave deveria possuir não era de se estranhar que nada passasse despercebido, mesmo assim sua inequívoca superioridade tecnológica era surpreendente. Não que a própria existência de sua embarcação estelar fosse insuficiente para demonstrar isso. Diante dela nenhuma palavra era necessária, mas mesmo assim fiquei admirado. De qualquer modo, não deve ter sido difícil para quem possui tal tecnologia, capaz de desvendar os mais viscerais segredos do Universo, entender as complexidades do funcionamento do nosso código de endereçamento postal.

Pelo fato de ter sido capaz de explicar, ainda que apenas de forma teórica, o funcionamento de sua nave, fui escolhido. Isso só foi possível por primeiro ter descartado as explicações propostas pelos especialistas devido a aplicação de um princípio científico e filosófico bastante útil. Obrigado Navalha de Occam! Embora fosse muito cedo para saber se eu deveria bendizer ou amaldiçoar o método, pois eu ainda não sabia qual a intenção desse contato. O primeiro de uma civilização alienígena com a nossa espécie feito, não com o líder de uma Nação ou com a ONU, mas com um indivíduo sem qualquer poder de decisão, nem mesmo sobre algumas de suas próprias ações porque, pelo menos em

princípio, teria que respeitar normas impostas por governos e pela sociedade.

#

Primeiro dia com o dispositivo alienígena em forma de bracelete atado a meu braço que, mesmo sendo relativamente discreto, fazia-me sentir como um *cyborg*. E, por falar em sentir, era a primeira vez desde o surgimento da nau que sentia algo diferente ao acordar, mas dessa vez não era no ambiente. Como mencionei antes, tenho 63 anos e, desde os 40 tenho a companhia de amigas indesejáveis: as dores. A coluna, as articulações e diversas partes do corpo vem me dar um bom dia matinal e permanecem “conversando” até que ele esquente um pouco. Onde estariam elas? Não que estivesse com saudades, mas já havia se tornado um hábito, ainda que desagradável, ter que esperar alguns instantes antes de me despedir delas e levantar.

Não me considerava em boa forma física, embora os métodos tradicionais de avaliação disso envolvam basicamente altura e peso, o que é relativo e incipiente. Mantendo tais critérios, pesaria 2.660 quilos se nós vivêssemos no nosso Sol, onde a gravidade era cerca de 28 vezes maior do que a que estávamos acostumados, por outro lado, na Lua, onde a gravidade é cerca de 1/6 da nossa, teria pouco mais de 15 quilos. Com essas divagações flutuando na cabeça, fui escovar os dentes. Tinha dois dentes com a ponta quebrada há anos que mantinha como um troféu (uma história que não vale a pena comentar) e, para minha surpresa, estavam intactos. Aparentemente passara por um processo de regeneração intenso durante o sono, todos os meus dentes haviam

se recuperado e meu corpo parecia em homeostase<sup>4</sup> (perfeito).

O que estava acontecendo? De repente, lembrei-me do aparelho e dos supostos *nanites* que imaginei pudessem ser os responsáveis pela formação das imagens no *display* dele. Ocorre que *nanites* são robôs ínfimos que poderiam ter, hipoteticamente, muitas funcionalidades. Pelo menos, em teoria, poderiam, devido a seu tamanho e versatilidade, reparar ou modificar objetos e, talvez, até pessoas. Era perfeitamente plausível que eles fossem os responsáveis. Todavia, o que eles teriam consertado e em que nível? Macroscópico, microscópico ou nanoscópico? Ainda em teoria, poderiam ser capazes de manipular até moléculas e agir no corpo humano como um retrovírus alterando o próprio DNA. A essa altura já me indagava se ainda seria humano e se possuía uma dupla hélice com 46 cromossomos em minhas células como todos da minha espécie. Nervoso e com sede, fui a cozinha e um copo se jogou em minha direção. Deixei-o cair com o susto e ele se estilhaçou em vários pedaços, mas, de súbito, se recompôs e retornou à palma de minha mão. Mais uma surpresa! O que era isso? Manipulação do tempo, ação dos *nanites* ou o resultado de algo que eles haviam feito comigo?

Saí de casa e fui para o trabalho. No caminho percebi que podia “ouvir” o que os indivíduos pensavam. Era desagradável ter conhecimento dessa legião de trivialidades que povoam a mente das pessoas. Pensamentos sobre o que os outros vestiam, suas aparências e diversas outras futilidades, envolvendo os homens e as mulheres a minha volta. Minha mente foi inundada por uma

---

<sup>4</sup> Homeostase é a capacidade do organismo de apresentar uma situação físico-química característica e constante, hidicamente perfeita dentro de determinados limites, mesmo diante de alterações impostas pelo meio ambiente.

profusão de tolices, mas, em poucos minutos, comecei a me acostumar. Ocasionalmente captava um pensamento decente e, embora tenha aprendido a ignorar esse efeito, quando queria “ler” a mente de alguém específico, o processo era similar a tentar ouvir uma voz específica em meio a multidão. Exigia apenas um pouco de concentração.

Novamente estava perdido em devaneios, parece que essa característica o *upgrade* não havia consertado. Uma coisa boa! Mostrava que, apesar dos aprimoramentos, ainda era eu, só que em uma versão 2.0. O que os alienígenas estariam pensando? Será que achavam que uma criatura precisaria ser perfeita para se comunicar com eles? Gostaria de mostrar-lhes antigos textos que escrevera sobre [a nossa percepção](#), a [realidade](#) e a [perfeição](#), já que eles estavam alinhando (ou desalinhando) meu ser sem aviso. Na verdade acho que também deveria rever os textos que havia elaborado sobre diversos assuntos ao longo da vida. Tudo que havia escrito, tanto os textos científicos, quanto os sociais ou os políticos e até os religiosos, contém um pouco de minha identidade, compõe minha idiossincrasia e podem servir como uma âncora para a personalidade, para não perder o sentido de mim mesmo. O modo de pensar de alguém é o que faz dele quem ele é, não o corpo, que no meu caso passou a revelar habilidades tão peculiares. Nunca tive medo de expor ideias e defender opiniões, embora quando o assunto era religião admito um certo recato, para não impor posicionamentos e ofender alguém. Mantinha o tema como que protegido por uma senha. Dessa forma, só o discutia com quem quisesse que eu o esclarecesse sobre minha postura pouco ortodoxa, muito embora a essência de meu pensamento estivesse amalgamada em tudo que falava e escrevia.

Meus antigos textos... Pensando bem sobre eles, a essa altura, depois de

tanto tempo sem relê-los, o calor e a luminosidade, aliados a átomos de sais de ferro, cobre e manganês, além de sulfato de alumínio utilizado para a impermeabilização do papel, já deveriam ter provocado alterações na estrutura química da celulose, alterando a forma como a luz era refletida, gerando partes escuras e resultando naquele aspecto amarelado e velho. Fiquei abalado com esse discernimento tão profundo sobre papel! Todas essas informações e conclusões mesmo para mim, que possuía formação nas áreas de matemática e de ciências em geral, além de uma imaginação fértil o suficiente para escrever um conto de ficção científica sem dificuldade, estavam vindo muito rapidamente. A velocidade do meu raciocínio também ficara fora do normal, mas ainda era eu... ainda era eu!

Perdido nessas reflexões cheguei a meu trabalho. O primeiro questionamento de meus colegas, é claro, tinha como tema principal o bracelete. Inventei uma desculpa alegando ser um produto que recebi da China. Os Correios atrasavam tanto que afirmei, de forma jocosa, que era a moda na época. Nunca fui muito sociável, embora isso não se refletisse de forma evidente no meu ofício, pois tinha um modo de me relacionar com as pessoas. Frequentemente considerava meu local de trabalho como segunda casa e, ademais, era um funcionário público e, tradicionalmente, ninguém espera muito de um. Também não havia me casado ou possuía relacionamentos sérios porque isso não se coadunava com meu *modus vivendi*. Meu modo de seguir a vida quase se traduzia em uma fórmula matemática, com o simples objetivo de manter a simplicidade. A maioria das pessoas não é boa nessa ciência específica, pois ao analisar uma situação, como um relacionamento, tendem a se concentrar apenas em um dos lados da equação, não respeitando o seu

balanceamento. A despeito de todo romantismo que envolve o tema, estima-se que um dos principais motivos para as pessoas se juntarem seja dividirem seus problemas. Entretanto, ao fazê-lo, não consideram que antes dessa divisão há uma soma. No meu caso específico, que primo pela tranquilidade de uma vida simples, rigorosamente sem complexidades, ao me unir a uma pessoa estaria sempre em desvantagem, ficando com uma carga maior do que possuía antes da referida união. Muitos diriam que esse tipo de pensamento é desumano, mas qual animal decidiria sobre um relacionamento usando princípios matemáticos, senão um ser humano?

Durante o expediente voltei a pensar no que estava acontecendo comigo. O fato de minhas teorias terem se revelado corretas, me fez estimar o verdadeiro potencial por trás daquilo que apareceu no nosso céu. E agora, de posse daquele artefato em meu pulso e de meus melhoramentos, cada vez mais sua tecnologia parecia demonstrar um potencial ilimitado e estava ansioso para descobri-lo. Mas independente disso o comportamento geral dos alienígenas era o que me aturdia. Ao não tentarem fazer contato com a nossa espécie apesar de estacionar tão perto de nosso planeta e, ao invés disso, contatar apenas um indivíduo. Que utilidade isso poderia ter? Pensava também nas habilidades que a nave já tinha demonstrado até o momento e, por causa disso, e dos ensinamentos de Albert Einstein, acreditava que ela poderia entrar em fluxo temporal.

As Teorias da Relatividade de Einstein foram as primeiras a nos permitir pensar concretamente em viagens no tempo. Em sua Teoria Especial da Relatividade, ele nos mostrou que o eixo temporal pode ser afetado pela velocidade. Seus estudos indicaram que, ao se viajar rápido o suficiente pelo

espaço, o mesmo acontecia com o tempo, dessa forma minutos para um viajante podem se traduzir em anos para os espectadores (viagem para o futuro). Além disso, consoante a Teoria Geral da Relatividade, ele também era afetado pela gravidade de modo que, quanto mais intensa ela fosse, mais ele iria desacelerar. Einstein sequer considerava a gravidade uma força, ele a explicava como a flexão do espaço por um objeto maciço. E, se o espaço pode ser dobrado, existe a possibilidade de também torcê-lo. Embora nosso amigo Albert, tenha deixado anotado que, sob seu ponto de vista, o tempo não se comportava como as demais dimensões, talvez, em nosso século, tivesse uma concepção mais romântica, como o grande H. G. Wells, em seu clássico de 1895, *A Máquina do Tempo*, dando a nós mais liberdade ao tentar manipulá-lo. Nesse sentido, o astrofísico de vanguarda, Ron Mallett, cerca de duas décadas mais sábio do que eu, afirma que "se na teoria de Einstein, o que chamamos de espaço também envolve tempo, o que acontece com o espaço também acontece com o tempo". Assim, Mallett postula que, distorcendo ele em um *loop*, é possível viajar do futuro de volta ao passado e, depois, novamente ao futuro por intermédio de um buraco de minhoca (*worm hole*). Posteriormente, o próprio Mallett, demonstrou que também a luz, por si só, possuía o condão de afetá-lo e construiu um protótipo com lasers que emitiam feixes circulares capazes de distorcer o espaço e o tempo. A motivação de Mallett era rever o pai que havia perdido aos 10 anos de idade. Um ato mesquinho com o qual me solidarizo e que já teria perpetrado, mesmo tendo o meu falecido quando já estava na fase adulta. Isso é claro, se não fosse, como todos os humanos, prisioneiro de uma percepção linear do tempo.

A questão importante era que ao surgir do nada, subitamente, a nave não

refletiu a luz à medida que se aproximava do planeta e, possivelmente, deslocava-se extremamente rápido e/ou em outras dimensões para tanto. Além disso, ao não exercer uma influência gravitacional, apesar de seu tamanho, demonstrava uma capacidade sem precedentes de controlar também essa constante universal. Velocidade, domínio da luz e controle sobre a gravidade, ela apresentava todos os indícios que poderiam sugerir uma capacidade de influenciar ou navegar no eixo temporal. Todas essas características reforçaram a ideia dela transcender nossas 3 dimensões e, com efeito, ela interagia com outras.

No meio do expediente percebi murmurios e pessoas apontando para o chão ao meu redor. Havia um tracejado brilhante piscando sobre o piso que levava da mesa em que trabalhava até o estacionamento, na parte externa do prédio. Perguntaram o que era isso e respondi: um convite!

Imaginei que fosse conhecer alienígenas no interior da cosmonave e segui o estranho caminho que aparecera indicado ante os olhares assustados de meus colegas. A trilha terminava no meio do pátio, em um espaço vazio, mas ao chegar ao fim dela fui envolto por um túnel luminoso até que, de súbito, estava dentro do veículo espacial. Ele era muito mais surpreendente do que se poderia imaginar. Tão vasto quanto um universo e, segundo constava da descrição no "tablet" que me fora presenteado, estendendo-se, não só pelas 11 dimensões conhecidas por nossa ciência, mas também por todo o Multiverso. Aparentemente não precisava se mover, pois poderia se manifestar em qualquer ponto dele sem sair do lugar. Na seção em que estava, a fonte de energia

parecia ser um tipo de Esfera de Dyson<sup>5</sup>, pois era possível ver ao longe uma estrela de magnitude absoluta muito superior a do nosso Sol, que é considerado de quinta “grandeza” (4.8 para ser exato). Apesar da magnitude aparente que o olho humano é capaz de observar seja cerca de 6, com meus sentidos aprimorados pude entender quão grande era a desproporção com relação a nosso astro rei. Fiquei maravilhado com a forma em que esse conceito estava sendo utilizado. A pressão das próprias camadas que compunham o cruzador estelar parecia criar um centro magnético e gravitacional como o que supostamente acontecia no núcleo de planetas e estrelas, mas em proporção ainda maior.

Apenas mais uma das maravilhas que estaria por presenciar. Poetas em nosso mundo apresentavam a ideia de que a nossa Terra era uma nave na qual viajávamos pelo Cosmo. Todavia, eu estava no que poderia ser considerado um universo errante, que não viajava, mas estava presente em todo lugar e se manifestava onde quer que quisesse. Conceito talvez menos poético, mas muito mais abrangente do que o nosso por ser um verdadeiro agrupador de incontáveis realidades.

Uma construção daquele tamanho e com aquela arquitetura possibilitava que a pressão exercida pelos trilhões de toneladas de matéria que a compunha fizesse com que seu núcleo se convertesse em plasma. Por sua vez, o material metálico, posto em movimento, gerava um potente campo magnético, podendo esse ser apenas mais uma de suas fontes de energia. Para poder manifestar-se

---

<sup>5</sup> Um indicativo hipotético proposto como grau de desenvolvimento de civilizações mais avançadas do que a nossa. Consiste em encapsular, em uma esfera, uma estrela ou todo um sistema, de modo a aproveitar a totalidade da energia do astro.

livremente pelo Universo utilizava sua interação com os muitos eixos dimensionais com que mantinha intrínseca relação. Eu realmente entendia aquilo, parecia que, por intermédio do bracelete podia compartilhar do conhecimento da nave e, devido ao fato de ter sido aprimorado, conseguia entendê-los com proficiência.

Minha visita estava sendo objetiva, mas isso não me incomodava, visto que milênios não seriam suficientes para conhecer todas as instalações e tinha acesso a todos os esquemas e conhecimento contido em seus bancos de dados pelo dispositivo metálico que não se separava de mim. Fui conduzido ao que, aparentemente, era uma sala de reuniões, onde ninguém me esperava ou apareceu. No lugar disso, uma tela de cerca de 1000 polegadas flutuava no imenso salão e interagia com meu *tablet*. Ela indicava um ponto em um mapa, era a localização de algo que seria o objeto de um empreendimento de busca e recuperação. A missão que estava sendo atribuída a mim era essa. Não posso dizer que tenha sido, nem um pedido, nem uma ordem, porque de fato não havia um contexto subjetivo. Não havia entonações para interpretar ou gentilezas para trocar desse encontro. Não havia sequer um encontro, apenas uma tarefa. Eles levavam a objetividade a outro nível. Ainda assim estava disposto a cumprí-la, sem amabilidades, sem promessas ou recompensas, fui recrutado e agia como um soldado que apenas obedecia sem questionar. Apesar disso, não estava insatisfeito, ao contrário, sentia-me útil de algum modo. Acho que considerava o acesso ao computador central e às funcionalidades do veículo prêmio suficiente. Ainda assim, não parava de considerar estranho não ter visto qualquer sinal de vida durante minha visita. Mesmo o lugar sendo tão grande, isso parecia incomum. Deveria ser o meu ponto de vista terrestre que

diferia em muito do de outra espécie. Mesmo em nosso mundo as variações entre os costumes dos diversos povos causam estranheza uns aos outros, imagine o efeito dessas diferenças culturais nos impulsos e valores interespécies.

A matéria-prima, objeto de interesse deles, poderia ser considerada única no Multiverso e só podia ser obtida em algum ponto de nosso planeta. O motivo de precisarem de um preposto era o fato dela reagir excentricamente à sua tecnologia alienígena, o que os impedia de se aproixmar dela. Todavia, embora fosse impossível para eles, afirmaram que, para mim, sua aquisição poderia ser conseguida com relativa facilidade. Mesmo com a maioria dos recursos da astronave não podendo ser utilizados, considerando algumas das complexidades das sociedades humanas, julguei que agir de forma subreptícia, sem envolver autoridades, nem entidades públicas ou privadas, seria o curso de ação mais recomendável.

#

Voltei para o planeta e comecei os procedimentos de capitalização e planejamento para a iniciar o empreendimento de salvagem. Como o processo exigiria recursos vultosos seria necessário primeiro obter capital. Felizmente vivemos em uma época em que o dinheiro “cresce em árvores”. Para tanto bastou um solo fértil para o plantio, qual seja o mercado de capitais e, no papel da água, fertilizante e luz solar, a utilização do computador central da nau, por intermédio de meu dispositivo de uso pessoal, o relógio transmorfó. De fato, em

poucas semanas foi possível levantar milhões sem muito esforço. Que chance teriam, mesmo os mais renomados especialistas e investidores das bolsas de valores do mundo, contra um poder de processamento que, tendo acesso a todas as informações existentes e sendo capaz de calcular todo grupamento combinado de probabilidades, podia praticamente prever o futuro? Pensando a respeito de todo esse potencial e correlacionando-o com a Lei de Moore<sup>6</sup>, imaginei há quanto tempo essa civilização teria inventando seu primeiro *chip* de computador, pois seus circuitos eletrônicos que representam os *bits* já tinham atingido níveis subatômicos<sup>7</sup> e seu modelo de computação era baseado nas leis da mecânica quântica. Talvez de fato fossem capazes de prever o futuro, visto que nesse contexto ele não passava de um ponto de vista.

Essa foi a parte simples da tarefa, já tentar justificar a curiosa matemática envolvida nas operações, onde  $1 + 1$  era sempre menor do que 2, revelou-se bem mais complexa. Para explicar porque os lucros não apareciam plenamente refletidos nos saldos das contas, tive a desgostosa tarefa de introduzi-los ao conceito de impostos sem deixar de mencionar, por exemplo, que meu país, o Brasil, era um lugar no qual, considerando-se a soma de todos os encargos, uma pessoa trabalhava quase 5 a cada 12 meses apenas para "doar" esses ganhos ao Estado. Expliquei que os populares estavam acostumados a esse confisco e não se viam como escravos, embora, comparativamente falando, na Roma antiga, estes, em algumas épocas, pagavam significativamente menos

---

<sup>6</sup> Uma constatação matemática baseada na observação da evolução de nossa indústria de eletrônicos que registra a duplicação da quantidade do número de transistores nos processadores a cada 2 anos.

<sup>7</sup> Diz-se de partículas com dimensões inferiores à dos átomos, podendo se referir a cada um dos constituintes destes.

para possuir mais direitos do que os assim chamados cidadãos da atualidade. O Estado era, no mínimo, nosso senhor feudal, como na Idade Média, ou até nosso dono. Mesmo para quem domina a maioria dos segredos do Multiverso, esse conceito não foi de fácil compreensão. A própria definição de Estado, bem como sua evolução histórica, se traduzia em algo aparentemente sem precedentes em sua coletividade, da qual eu não conhecia praticamente nada. Não os culpo por não entender o conceito de Estado. Este é meu mundo natal e também não sou capaz de apreender por completo seu significado e finalidade. Tentei postular sobre as necessidades operacionais de um mecanismo como o Estado, da quantidade de recursos exigida para gerir suas atividades, mas quando perceberam que até os funcionários que trabalhavam exclusivamente para ele tinham que arrecadar impostos, ou seja, devolver parte do que lhes havia sido pago pelo próprio ente estatal, essa tentativa não logrou êxito. Também mencionei um antigo instituto chamado aposentadoria, para defender a necessidade de alguma arrecadação com o fito de custear as pessoas em sua fase menos produtiva da vida, mas o *status quo* não era facilmente justificável para abordagens estritamente lógicas. Até porque, tal regulamento, a norma que dispunha sobre a aposentadoria, já havia caducado e sido substituída por outra apelidada de “pé na cova” por aqueles que seriam suas “vítimas” presentes e futuras. Nesse ponto se tornaram absolutamente indefensáveis minhas tentativas de justificar a ideia de um Estado ou governo nos nossos moldes.

A inusitada regra denominada oficialmente de Instituto da Utilidade que, graças a “brilhante” proposta de um deputado federal, inovou o ordenamento jurídico brasileiro com mais uma excrescência, extinguindo a aposentadoria,

pôs fim as quaisquer chances de explicar de forma lógica o funcionamento de nossa sociedade. O expediente em questão surgiu após o buraco orçamentário estatal dos anos 2000, que fora agravado pela década de pandemias que assolaram o Brasil e o mundo, iniciado com a infame [Covid-19](#) e, rememorada há 5 anos, pela sua irmã mais nova, agressiva e letal, a Covid-27. Além dele, muitos estatutos similares foram implementados em prol da manutenção do governo. Os princípios por trás desses regimes retiravam direitos e adicionavam deveres estabelecendo uma série de contribuições que, embora inversamente proporcionais à idade dos participantes, pelo menos no caso do instituto da utilidade, duravam enquanto lhes restasse um sopro de vida, por mais ínfimo que fosse. Nesse contexto o conceito que mais se sobressaía, com especial destaque, era realmente o de escravidão.

Não obstante essa polêmica, onde quase estava convencido ser de fato um escravo de meu governo e do paradoxal conceito de Estado vigente em nossa comunidade, de posse dos ganhos líquidos de meus investimentos em ações, busquei pela *internet* um veículo adequado para o trabalho. Localizei o protótipo de um pequeno submarino que estava sendo desenvolvido por uma companhia com tecnologia de ponta. Ao entrar em contato com a empresa consegui adquirir o transporte marítimo ao custo de milhões de dólares. Além disso, contratei um cargueiro para transportar o submersível ao ponto designado pelos aliens. Durante esse processo alguns meses se passaram até que tudo estivesse pronto. A expedição sairia do condado de Broward, na Flórida. O dia marcado finalmente chegou e estava a caminho dos Estados Unidos onde começaria minha jornada. Ao sair para o aeroporto percebi alguns indivíduos suspeitos, estranhamente vestidos com ternos pretos. Então

realmente eles existiam, os assim chamados “homens de preto”, porém não na versão cômica lançada em julho de 1997, pela Columbia Pictures e que arrecadou quase 600 milhões de dólares. Fazia uma referência, de forma circunspecta, a uma versão bem mais sombria da lenda urbana. Elementos que trabalhavam para entidades governamentais ou não, mas que agiam a margem da lei, seguindo suas próprias regras em defesa de ideologias nem sempre virtuosas. A habilidade de ler mentes era mesmo útil, pude apreender suas intenções e perceber que não eram boas. Envolviam sequestro, aprisionamento, interrogatório e tortura, entre outros expedientes nada agradáveis. Felizmente meu pacote de atualização veio com um receptor e um emissor, com isso pude colocar imagens minhas indo embora em suas mentes para que eles perseguissem uma ilusão e me deixassem em paz. Pensei em como teriam me encontrado, pois isso não estava nas camadas superficiais de seus cérebros. Teriam descoberto a forma como me evadi do trabalho no estacionamento meses atrás? Ou meu recente sucesso no mercado de capitais teria despertado sua atenção? Não importava de fato! Tinha uma missão a cumprir e estava atrasado.

#

A chegada na Flórida se desenrolou sem mais incidentes, embora estivesse atento a possibilidade de encontrar mais companhia indesejada. No fundo era apenas um *nerd* em minha primeira viagem, mas um do tipo rebelde. Não gostava de estudar, embora adorasse aprender, por isso fazia o mínimo do primeiro para conseguir o máximo do segundo. Lembro que, no que outrora se

chamava 1º grau do ensino médio em meu país, estudava apenas nos intervalos dos desenhos animados dos Flintstones que passavam na TV Globo e mantinha uma média de 7.0/10.0. Era o suficiente, sobretudo em matérias nas quais não possuía qualquer interesse. Também passei uma parte da infância sendo um menino bastante calado, porque achava que toda conversa não informativa era redundante. Percebi que essa atitude me colocava em uma situação desconfortável quando era forçado a participar de eventos sociais e, com o tempo, desenvolvi *interfaces*, que eram formas melhores de manter relações intersubjetivas. Ainda uso tais artifícios até hoje, talvez por isso mostre apenas traços de conduta antissocial. Uma vez fiz, por minha conta, um dos vários testes que existem para detectar a doença de Asperger, um tipo de autismo de alta performance, e pontuei extremamente bem. Por causa desse tipo de comportamento tive muito tempo para “estudar” e me graduei em alguns cursos como matemática e outras ciências, consegui até um bacharelado e uma “pós” em direito (única cadeira de humanas com a qual me envolvi). Além disso, fiz algumas pós graduações em outras áreas e possuía um conhecimento avançado em programação de computadores, obtido de maneira autodidata. Finalmente, em uma de minhas passagens pela faculdade, cursei todas as cadeiras disponíveis de física, química e biologia também. Por isso me considerava bem versado em ciências. O que agora parecia insignificante ante a coletânea de informações colocada à minha disposição pelo meu relógio. Com todo esse introito mental tentava identificar e justificar o que eu estava fazendo comandando uma expedição que iria sair em poucos momentos de Fort Lauderdale (onde embarquei meu minisubmersível em um cargueiro de transporte) para uma área conturbada do Atlântico. Considerando-se que não

gostava de sair de casa era uma inconsistência comportamental absurda. Motivado apenas por um desejo de ajudar desconhecidos não humanos, modifiquei todos meus hábitos e suspendi minha vida. Não que houvesse algo de tão relevante nela que valesse sua manutenção nos moldes anteriores, mas ainda assim era algo anormal. Questionava-me até que ponto essa decisão havia sido realmente minha ou se, inconscientemente, achava que não teria escolha ou, ainda pior, estaria sendo controlado de alguma maneira?

Deveria ser bastante suscetível a formas de controle mental, pois quando criança agia de foma pouco ortodoxa. Ao acordar de um sonho era capaz de rebobiná-lo e vivenciá-lo novamente, fazia com frequência quando o tema me agradava, incontáveis vezes. Era capaz de retomá-lo do ponto em que houvesse parado ao acordar também, embora isso eu realizasse de forma inconsciente. Na infância também era comum executar cálculos rápidos “de cabeça”, operações com vários dígitos. Habilidades que por desuso, preguiça ou outros motivos que desconheço, não mais possuía. Nos dias atuais sequer sonhava, ou melhor, não me recordava de qualquer sonho, pois segundo especialistas todos cumprem as duas fases do ato de adormecer. A primeira, dividida em 4 estágios e a segunda, chamada de sono REM (*rapid eye movement*), onde efetivamente ocorriam os sonhos. Nessa última fase habitávamos o reino onírico em uma sucessão deles todas as noites. Ademais, o fato de não lembrá-los servia de indicativo para a existência de problemas psicológicos, motivo pelo qual me julgava predisposto a algum tipo de controle mental. No entanto, tratava-se apenas de uma hipótese, pois além de meu comportamento diligentemente incomum ao cumprir minha missão, não havia qualquer indício de que isso estivesse acontecendo.

A nau indicou a área onde as anomalias mostravam estar presentes a matéria que procurava. Nunca possuí senso de direção, meu grau de incompetência nesse tópico em particular era tanto que, ao entrar em uma edificação, não sabia indicar a direção do Norte ou do Oeste e precisava frequentar o lugar por algum tempo antes de conseguir apontar onde ficavam as estradas e construções fora dela. Então porque aquelas coordenadas pareciam tão familiares? Entre as modificações que recebi após "colocar" o bracelete estava uma memória prodigiosa. Lembrava até do útero de minha mãe, por isso sabia que tinha visto números similares, que havia olhado para latitudes e longitudes semelhantes no fim de uma página em algum livro que devo ter lido, ou melhor, folheado. Não conseguia recordar o que elas indicavam. O que elas apontavam deveria estar na página seguinte que não devo ter virado ao pegar aquele exemplar, cuja capa também não havia olhado. Nem mesmo as habilidades despertadas pelo meu "relógio futurista" podiam me fazer lembrar do que eu não havia visto. Pensei em ver no mapa e aquilo em meu pulso me surpreendeu novamente, voltou a forma inicial de uma folha de metal e combinando minhas memórias com as coordenadas me mostrou um ponto no mapa mundi. Era extremamente simples de utilizar, não precisava de digitação, reagia com os pensamentos do usuário e combinava os conhecimentos deste com o que deveria ser o banco de dados do computador principal da astronave. Com isso possuía mais informação do que a totalidade das bibliotecas e discos rígidos do nosso planeta, além de uma velocidade que faria um computador quântico ficar de joelhos. O ponto ficava no Oceano Atlântico, entre a Flórida e Porto Rico.

Como já mencionei anteriormente, com os recursos obtidos nos

investimentos pude comprar o mais avançado submersível que já havia sido construído, por dezenas de milhões de dólares. Todavia, mais difícil do que adquiri-lo, foi contratar uma embarcação disposta a levá-lo para a área alvo. E, apesar disso, em questão de dificuldade, nada se comparou a conseguir uma tripulação, para a supracitada embarcação, disposta a fazer a viagem. Eram estranhas as muitas recusas em participar da empreitada. Uma incógnita que, a princípio não consegui solucionar devido a minhas dificuldades inerentes a língua.

Possuía um trauma com o idioma espanhol. Isso se devia a uma de minhas pós graduações, onde fui exposto a um professor que, apesar de viver há décadas em meu país, não falava português. Sua maneira peculiar de se expressar, quase incompreensível, causou-me muitas dificuldades. Uma vez flagrei uma colega de classe olhando para minhas anotações e rindo. No papel eu havia escrito “isto é”, “isto é”, “isto é”, três vezes seguidas, pois era a única expressão que tinha conseguido entender em toda a aula. Originário de um vilarejo remoto na Espanha, sua pronúncia e expressões idiomáticas desafiavam minha compreensão e eram difíceis de entender até por quem conhecia bem o espanhol. Entretanto, fiquei sabendo que, em uma festa, encontrou um conterrâneo, oriundo da mesma diminuta vila. O fato curioso foi que após alguns minutos de conversa esse senhor afirmou a alguns colegas que também não conseguia entender quase nada do que aquele professor dizia. Talvez fosse realmente verdade que a natureza humana poderia ser mais complexa do que as leis da física quântica. E esse não era o pior professor do curso. Porém, para não desmerecer totalmente o estabelecimento, também foi naquela universidade, que conheci o melhor instrutor dentre todos os meus

muitos cursos. Henrique, um senhor de mais de 70 anos que tinha o dom de ensinar. Fazia com que compreendêssemos os conceitos mais complicados quase tão bem quanto o objeto em meu braço fez com que eu passasse a entender tudo ultimamente. Parecia que já nos transmitia informação ao se aproximar do quadro negro, sem sequer escrever nele.

De volta às minhas dificuldades de contratação, apesar dessa intolerância quanto ao idioma, com algumas horas de convivência com os porto-riquenhos, os únicos dispostos a seguir viagem, já o estava falando com relativa fluência, mais uma característica nova decorrente dos aprimoramentos que havia sofrido. Participando de suas conversas descobri o porquê de todos evitarem a área. Ocorre que ela possuía um histórico de séculos de incidentes envolvendo o desaparecimento de embarcações e aeronaves e era vista por todos como sendo amaldiçoada.

Finalmente percebi para onde estava me dirigindo, era o Triângulo das Bermudas. Na realidade, por mais estranho que pudesse parecer, deveria se tratar apenas de uma coincidência. Apesar de toda a mística que envolvia a área cujas dimensões variavam, entre 1 e 4 milhões de quilômetros quadrados aproximadamente, em razão de fatores químicos, físicos, geográficos, geofísicos e climáticos da região, há muito seus acontecimentos bizarros possuíam explicação. Sendo as duas principais, um fenômeno chamado variação da

bússola<sup>8</sup>, que também ocorre em outras regiões, sendo um fato bem documentado na história da navegação e a presença de vulcões submersos que saturavam as águas com gás metano em concentração variável, alterando sua tensão superficial e diminuindo a capacidade de flutuação das embarcações. Isso favorecia, em locais de grande concentração do gás, afundamentos repentinos. O mesmo metano, liberado em forma de bolhas na atmosfera, podia reagir com faíscas provenientes dos motores de aeronaves causando o desgaste dos equipamentos e, algumas vezes, explosões. Essas eram as razões por trás do desaparecimento de tantos navios e aviões na área.

Não muito tempo após zarpar, ao chegar perto das coordenadas indicadas na sala de reuniões da nave, meu pulso começou a reagir. O relógio aparentemente era sensível ao que estava procurando. Pedi para que lançassem âncora e me dirigi ao mini submarino. Perguntaram-me se gostaria que alguns marinheiros me acompanhassem, visto que o veículo possuía seis lugares, mas disse que não.

Após iniciar o mergulho, lentamente comecei a ganhar profundidade e, embora não se tratasse da Fossa das Marianas<sup>9</sup>, a região possuía algumas depressões muito profundas, possivelmente com alguns quilômetros. Ao me distrair não percebi os barulhentos alertas da embarcação com relação à pressão. Desci demais e a estrutura estava se rompendo, sendo esmagada pela imensa pressão das camadas de água sobre ela. Só que não era somente esse o problema, muitas outras forças estavam envolvidas. Tentei reverter os motores para evitar o colapso da estrutura, no entanto nem o meu novo eu conseguiu

---

<sup>8</sup> Fenômeno onde o instrumento aponta para o norte geográfico, ao invés do norte magnético.

<sup>9</sup> Local com maior profundidade conhecida dos Oceanos: 10.984 metros.

ser rápido o suficiente para impedir o desastre. O submersível implodiu, porém sobrevivi, podia respirar na água ou sequer precisava fazê-lo e a força que esmagou a resistente couraça do submarino se mostrou insuficiente para me machucar. Não deveria me surpreender, há semanas não me considerava mais humano, pois minha antiga espécie não guardava pertinência com as características que meu corpo demonstrava. E apesar de que, paradoxalmente, a inevitabilidade da mudança devia ser uma constante universal, isso já se tornara um exagero. Se fosse previamente informado desse fato não teria gasto milhões em um veículo que era mais fraco do que eu. Entretanto, não deveria reclamar, pois a despeito do preço, havia custado menos de 1/4 de meus ganhos no mercado de ações. Meus lucros líquidos ultrapassavam os 100 milhões de dólares. Todos esses pensamentos faziam com que a proporção em que estava produzindo endorfina fosse assustadora, embora acredito que, tecnicamente, a expectativa de encontrar a matéria não produziria mais endorfina do que dopamina. E o mais aterrorizante era saber as quantias exatas dessas e de outras substâncias em meu organismo nesse exato momento.

Ao meu redor, toda aquela atividade vulcânica atípica me fazia pensar que havia me precipitado ao imaginar que seria uma coincidência a substância estar naquela área. Ela deveria realmente ser a responsável pela geologia incomum do local, pelos vulcões e, por isso, ainda que indiretamente, por via reflexa, estaria por trás de todos os acontecimentos no Triângulo das Bermudas. Sem submarino e contando apenas com meu corpo, continuei avançando em direção a anomalia. Podia sentir a energia estranha que emanava de um ponto central, concorria em pé de igualdade com as demais forças elementais do Universo, sem guardar pertinência com nenhuma delas.

Das quatro forças elementares que reinavam no Universo, todas estavam presentes, amalgamadas e digladiando-se. Sentia os efeitos desse atrito, calor, pressão e muito mais, tudo em um ambiente viscoso. Estava diante do quarto estado da matéria, não era sólido, líquido ou gasoso, era magmático ou plasmático, sentia-me nadando em lava, ou melhor, me deslocando no interior do plasma de uma estrela. De repente, tudo sumiu. Havia uma calmaria ainda mais assustadora do que o ambiente em ebulação de antes, parecia que, tal e qual o olho de um furacão, o centro próximo a coisa era tranquilo.

Cheguei ao epicentro das forças que esmagaram meu caríssimo submarino. Podia ver que o material que causava todo esse impacto na região e no Cosmo, capaz de despertar o interesse dos ETs, cabia na palma de minha mão e pensar que aquela deveria ser toda a quantidade existente no Universo desse produto. Dela parecia emanar uma presença, mas provavelmente estava apenas assustado e influenciado por toda a situação. Após o *upgrade* minha compreensão havia se ampliado significativamente e, com o acesso aos bancos de dados da nave, entendia melhor que qualquer físico da Terra o que estava acontecendo. Podia afirmar com certeza que essa energia não era nenhuma das forças fundamentais conhecidas pela ciência humana que já mencionei, nem uma combinação delas como havia suposto anteriormente. Embora muitas vezes de difícil mensuração, todas interagiam em algum nível entre si. Tanto a força nuclear forte, como a fraca; tanto o eletromagnetismo, como a gravidade, todas faziam parte de uma espécie de grupo seletivo. Entretanto, o estímulo que estava sentindo não se coadunava ou relacionava com elas.

O fato da pequena massa esférica parecer viva deveria resultar da pulsação que apresentava, com uma cadência incomum, e que aparentava estar reagindo

à minha presença. No entanto, por mais tola ou fantasiosa que fosse uma teoria, não podíamos simplesmente rejeitá-la de plano, pois a ficção de hoje pode ser a realidade de amanhã e, muitas vezes, é. Realmente parecia que as paredes do Universo estavam sendo abaladas por aquela pequena quantidade de matéria e que ela possuía o comportamento de um organismo vivo e consciente reagindo a minha aproximação. Ainda assim, meu racionalismo me dizia que era apenas um reação físico-química à minha presença. Por isso, não me interpretem mal, quando menciono o vocábulo “vivo”, não me refiro a um ser senciente, nem orgânico de qualquer modo, nem mesmo em um sentido amplo, estendendo esse conceito além dos átomos de carbono e anéis de benzeno que são a base de nossa forma de vida. Trata-se apenas de uma forma de expressar um sentimento, pois nossa espécie associa movimento à vida e o *etherium* possuia uma vibração que fazia essa sensação transbordar.

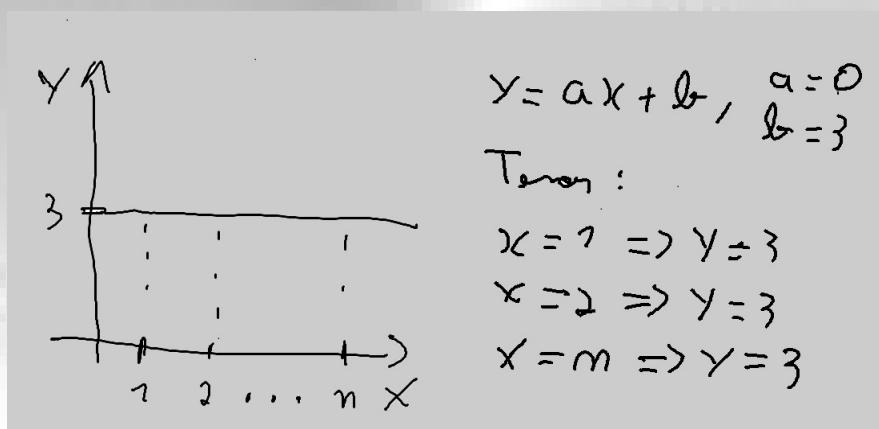
Aquela matéria era, possivelmente, a única coisa que intrigava os ETs em todo o Multiverso e que não conseguiram analisar em sua história. Mesmo se fosse uma entidade viva e consciente seu modo de falar seria transmitido como pensamento de modo que não seria possível diferenciá-lo de nossa própria imaginação.

Aquela forma aparente de esfera induzia as leituras em meu pulso a não fazerem sentido. Era como se, ao mesmo tempo, estivesse e não estivesse lá, como se fosse feito por um feixe estático de neutrinos, interagindo muito fracamente com a matéria, um fantasma. Uma verdadeira singularidade, como um buraco negro, só que mais raro e, potencialmente, inúmeras vezes mais poderoso. Como lidar com aquilo? Não se constituia de matéria como a entendemos, pois por estar sendo representada em uma dimensão inferior a de

sua real constituição, existia apenas parcialmente nela, um ponto fixo no espaço em que tocava nosso Universo. Não seria possível para mim movê-lo nem com equipamentos, por isso parecia que eu fracassaria em cumprir minha tarefa. Não esperava chegar a esse ponto sem ferramentas, mesmo que parecesse que elas de nada adiantariam pelo menos teria elementos para tentar traçar uma estratégia. Na situação em que me encontrava não poderia nem tentar tocar diretamente no espaço preenchido por ela, pois temia as consequências embora fosse etéreo. Dei a esfera o nome de *etherium*, não só devido ao fato de ser imaterial, mas por imaginá-la composta não de partículas que ocupavam um único lugar no espaço, mas pela vibração de um conjunto de cordas unidimensionais, formadoras de um espaço esférico que se estendia em “n” dimensões. Esse conceito só podia ser compreendido devido ao meu recentemente ampliado conhecimento da Teoria-M, resultado da fusão das antigas 5 teorias das cordas que se revelaram como sendo a mesma sob perspectivas distintas e que agora absorvera completamente. Uma ideia que, para nossa ciência, era quase tão imaginária como a do denominado éter que, supostamente, preenchia o espaço entre a Terra e os demais planetas nas teorias que vigoravam na Grécia antiga. Ao ficar mais próximo, meu relógio resolveu a situação. Alterando uma vez mais sua forma e assumindo a de um tesserato ou tesseract, um hipercubo, ou seja, uma versão de um cubo em 4D, com suas 24 faces externas. Ele circundou a esfera e pude perceber seu formato graças ao novo entendimento que meu corpo, não mais humano em sua essência, mas apenas em sua forma, me proporcionava.

Observando as ações de meu *tablet* ou relógio em seu novo *design*, pensei  $y=3$  e isso não era um devaneio tolo, eu havia assimilado a intenção do meu

“bracelete” e essa expressão veio como um esboço em minha mente. Foi o modo de meu cérebro representar, por analogia, o que estava acontecendo. Mentalmente utilizei do plano cartesiano para compreender o multidimensional. Considerando a equação da reta,  $y=ax+b$ , onde “a” era o coeficiente angular e “b” o linear. Em  $y=3$ , “a” assumia o valor zero tornando a equação uma constante, mas ainda assim uma reta. Independente dos valores que assumisse no eixo das abscissas, o eixo das ordenadas permaneceria igual a 3. Em outras palavras, nesse plano por definição bidimensional, estaríamos caminhando em uma dimensão, a do eixo x, com x variando de 1 a “n” e permanecendo na mesma posição na outra, o eixo y. Mesmo que só uma de suas coordenadas variasse, ainda podíamos dizer que havia “movimento”.



Meu *tablet*, independente da forma que possuísse no momento, estava utilizando um polinômio com mais de uma dezena de variáveis (11 para ser mais preciso, uma variável para cada uma das dimensões conhecidas), extremamente mais complexo que minha equação de reta, e fazendo o que poderia se chamar de selo dimensional. Mantendo constantes as três coordenadas que definiam a posição de um ponto no nosso espaço e alterando as demais, isolou a esfera e seus efeitos. Desse modo, podíamos dizer que o *etherium* ficava parado, mas sem que percebêssemos os demais eixos

dimensionais se moviam em torno dele e do nosso espaço tridimensional. Aquele pequeno dispositivo, com a ajuda da nave, realizou um feito incomparável, selou o vazamento de energia para nosso Universo e deslocou o “imovível” objeto que agora estava em sua ponte de comando. Ao concluir seu intento não foi possível perceber a transição de um local para outro. Simplesmente surgimos no interior da nau e, ao olhar para as coordenadas do Triângulo das Bermudas nos painéis da sala de controle em que estava, pude constatar que a remoção do *etherium* não alterou a instabilidade vulcânica da região, talvez o efeito já fosse permanente, mesmo sem a esfera ou, quem sabe, ela ainda estivesse lá. Considerando a forma atípica como ela fora transportada, se é que podíamos afirmar que tivesse sido transportada, poderia existir um entrelaçamento quântico entre as duas posições. Há muito foram descobertas provas, devido a experimentos no reino da física quântica, que expressões como “dois objetos não podem, ao mesmo tempo, ocupar o mesmo lugar no espaço”, não eram verdadeiras. O melhor exemplo deveria ser o chamado tunelamento de elétrons, onde estes podiam atravessar paredes e outros objetos utilizando, durante o trajeto, o mesmo espaço que eles. Todavia, referia-me ao fenômeno inverso onde um corpo poderia ocupar, ao mesmo tempo, mais de um lugar no espaço. O que, teoricamente, poderia ser explicado pela mesma teoria vista por outro ângulo. Mesmo com o conhecimento da nave à minha disposição, ainda não sabia tudo. Na verdade, em meu entendimento sobre a “criação”, existia um enorme vazio para conjecturas. Mas de uma coisa tinha certeza, após essa experiência tomei consciência de que era um mero peão no jogo de xadrez entre a nave e seu algoz, o *etherium*, pois desde o primeiro contato, do bracelete às modificações que sofri, tudo fora planejado

para a realização desta tarefa de salvagem da esfera que estava a minha frente.

#

Dada a irrealdade das emanações oriundas daquela pequena porção de matéria flutuando diante de mim, nenhuma teoria que propusesse uma predição poderia ser experimentalmente testada e, por isso, poderia restar para sempre não totalmente consolidada. Assim como ainda é tudo que denominamos em nossa ciência como “teoria” até hoje, da evolução à relatividade e além. Com meus sentidos aprimorados era capaz de testemunhar o comportamento dos filamentos de corda desta “teoria” ante a, dificilmente explicável, gravitação quântica. Contudo, não precisava confiar neles, bastava um vislumbre nas conspícuas informações mostradas na tela dos painéis a minha frente onde relatividade geral e mecânica quântica restavam, finalmente, unificadas. Era algo tão avançado que concepções humanas não se aplicavam, a utópica Teoria de Tudo estava demonstrada. Uma hipótese abstrata que explicava, ao mesmo tempo e sob uma única perspectiva, todo o funcionamento do Cosmo.

Enquanto o estudo prosseguia, ao longo do arco de bombordo um enxame de pequena naves, que outrora eu chamaria de grandes, apareceu em curso de interceptação. Os painéis do cruzador também as mostravam e, sem sequer ativar um subsistema de armas, a inteligência artificial da nau fez surgir o que eu só poderia chamar de “momento gravitacional” atrás da frota inimiga. E, em meio a explosões, tudo e todos, foram arremessados a distância, fora do

alcance dos sensores. Talvez, de forma embrutecida, fosse um “tapinha” de advertência para que não se aproximasse. Se fosse um escritor e estivesse elaborando um conto, ou mesmo, um livro, o incidente, devido a sua brevidade, não mereceria nem ao menos um capítulo, mas o mencionaria devido ao nome inusitado que daria: “A batalha dos 12 segundos”, tempo em que durou a incursão inimiga.

Não acredito que os novos alienígenas tivessem consciência da intenção de nossos visitantes. Creio que foram motivados por um sentimento bastante humano, o medo do desconhecido. De qualquer modo, agora nosso planeta figurava brilhante no mapa galáctico das civilizações extraterrestres e nada mais seria como antes. Como diz um velho provérbio chinês: “o prego que se destaca é o primeiro a levar a martelada”.

Voltando minha atenção para a ponte da nave, que não interrompera sua pesquisa nem por um dos segundos que durou o conflito, o que descobrira até o momento, por intermédio de uma análise dos dados colhidos até o momento e por interpolações<sup>10</sup>, revelava mais sobre a estrutura do *etherium* do que sobre sua real composição. Se tratava do entrelaçamento quântico de um conjunto de pontos em um espaço n-dimensional abstrato envolvendo um ou mais universos.

Já deveria ter aprendido a lição de não julgar um livro pela capa, pois apesar de aparentemente pequeno o objeto demonstrava enorme poder. O tamanho era apenas aparente, como no meu exemplo do lápis 3D em um plano

---

<sup>10</sup> Interpolação é um método matemático de aproximação de valores em conjuntos discretos construindo novos grupamentos de dados a partir de um parâmetro de informações pontuais já conhecidas.

2D que pensara meses atrás para justificar a aparição súbita da nau nas imediações de nosso planeta. Embora o víssemos como uma pequena esfera, o *etherium* poderia ser tão vasto quanto um universo.

A essa altura do desenrolar dos fatos e da investigação que estava em progresso, era inconcebível não ter avistado sequer um dos alienígenas. Por esse motivo iniciei extensas buscas no banco de dados da espaçonave e, depois de um bom tempo pesquisando, fiz uma descoberta surpreendente: não havia nenhum. A raça fora extinta a incontáveis eras. O que restava de sua civilização era a incrível inteligência artificial da nau e ela própria, ainda a procura de respostas.

A raça que criara a nave, assim como ela, tinha perdido o ímpeto de ir adiante e por isso fora extinta. Tinha empatia por eles, por reconhecer em mim um sentimento semelhante, que pode levar um ser a exaurir suas forças ao questionar a razão de sua vida. Isso parecia também estar ocorrendo com a inteligência artificial. Talvez nos faltasse um verdadeiro conceito de Deus. Não necessariamente como uma entidade imaginária com a qual se interagisse com a mente ou se suplicasse por conselhos e coisas, mas como um caminho, uma ponte para ir além da lógica, para superar as incoerências da nossa existência, a necessidade de explicações, motivos ou razões e, simplesmente, seguir o instinto primordial de qualquer forma de vida que, a despeito do desejo por evolução, é apenas sobreviver.

A intenção da espaçonave sempre foi utilizar a esfera como fonte de energia para um dispositivo do juízo final. Ela estava cansada. Gostaria de ter tempo para fazer com que as pessoas que brincavam sobre a falta de gasolina dela pudessem perceber a ironia de estarem certos. Realmente um tipo de

combustível havia acabado: a motivação. Apesar disso, o problema principal seria resolvido em breve, pois a nau iria sumir e eles teriam a tão sonhada e preciosa luz solar de volta, só que milionésimos de segundos antes de toda Criação deixar de existir. Ela entendia como sua razão de prosseguir, a busca por evoluir e, para tanto, considerava que seu único caminho seria adquirir o conhecimento absoluto e por fim a sua ignorância. Um desejo admirável, visto que a ignorância, entendida como a falta de conhecimento e não de inteligência, levava ao temor e a raiva, pelo menos nos humanos. E como medo e ódio fazem parte da mesma patologia, talvez a inteligência artificial da nau compartilhasse dessa psicopatia com nossa espécie. Se assim fosse, como nós, tal estado poderia levá-la ao suicídio. Entretanto, se essa fosse uma decisão que ia contra seus imperativos talvez estivesse impedida de tomá-la.

A forma de conhecer inteiramente um livro é lê-lo até o final, mas e se ele não possuísse um fim? Para ela cada universo era como um livro pertencente a uma coleção, que era o Multiverso. Ainda que um cosmo possa ter um ponto final, o mesmo não podia ser dito para a coletânea deles, onde, segundo corolários das teorias quânticas, cada ação de um ser senciente criava uma nova versão de universo a todo momento. Por esse motivo, há muito percebera que não conseguia entender tudo, nem mesmo com toda sua vasta capacidade. Prova disso era o material que desafiava sua análise, apesar de que, embora não o entendesse em sua inteireza, já conseguia mensurar como afetava a realidade a sua volta e como utilizar sua energia. Sem raciocínio era incrivelmente simples, se não podia corresponder a esse lado da equação e chegar a um conhecimento pleno, poderia alterar o outro. Se o problema era não ter um fim para se alcançar, bastaria tornar o conjunto enumerável. Em

outras palavras, fazer com que o número de perspectivas para se entender fosse finito. Para o máximo de eficiência, o mais indicado seria reduzir esse valor a zero, ou seja, que nada mais houvesse para ser entendido. A solução era clara: por fim a existência destruindo o Multiverso.

Seria o fim de todas as formas de vida, de matéria e de energia, restaria apenas o vazio. Uma obliteração nunca pensada na história da Criação. É verdade que a própria existência da vida requer destruição, por isso não havia motivos para odiar a nau, mas a destruiria se pudesse. Não reconhecia seu direito de por fim a nossa espécie e a tudo mais que existe. Teria que tentar algo, ainda que pudesse não fazer qualquer diferença.

A chave para seu plano era a esfera que recuperei do centro do Triângulo das Bermudas, todavia esse também poderia ser o instrumento de sua derrota. A forma como ela reagia a nave e a aos átomos que compõem todas as moléculas existentes, poderia gerar uma reação em cadeia pondo fim a tudo. O raciocínio era quase infantil, mas não desprovido de lógica.

Sua intenção era converter toda a energia do material em um pulso e lançá-lo contra uma das dimensões conhecidas, a única que não era espacial, o tempo. Queria desmembrar sua estrutura ocasionando seu colapso. Isso poderia ser descrito, poeticamente, como o fim da eternidade, que por ironia era o título de um famoso livro de Isaac Asimov que nunca li. Ela tinha acesso ao eixo temporal e pretendia utilizá-lo para realizar esse feito. Ainda estava no que poderia ser designado como a ponte de comando da espaçonave e minha compreensão de tudo, até de sua tecnologia, foi muito ampliada desde que o relógio futurista pousou em meu braço e fez dele seu ninho. Conseguia entender perfeitamente o que era mostrado em cada painel a minha frente.

Sobretudo, no maior deles, que estava flutuando ante meus olhos. Nele 13 dimensões estavam representadas. A nave era mostrada como uma delas, assim como o *etherium*. Talvez, por estarem presentes em todos os pontos do Multiverso, eles pudessem, de um modo inusitado, ser considerados como dimensões ou reagir como elas. Estava apreensivo com a situação, mas não podia pensar muito para decidir que curso de ação adotar. Não sabia se a nave podia ler meus pensamentos, como eu atualmente fazia com as outras pessoas. Por segurança, se quisesse tentar algo, teria que agir em um momento crítico e por impulso. Eu estava basicamente tentando planejar a espontaneidade e encontrar sua hora e lugar. Esperei dias até que, no último instante, movi minha mão pelo painel e redirecionei o pulso do eixo temporal para a própria nave. Não sabia qual seria o resultado de minha ação. Talvez a inteligência já tivesse contemplado a possibilidade de minha interferência com efeitos potencialmente fatais para ela e, ainda assim, me deixasse agir ou poderia ter inferido que minhas atitudes não lograriam êxito. De fato, poderia não fazer diferença alguma e a destruição atingir tudo como era seu intento. Entretanto, também havia outras possibilidades. A nave estava entrelaçada em todas as dimensões, por isso mesmo não sendo atingido diretamente, o tempo poderia ser afetado. Ele poderia, por exemplo, começar a correr ao contrário. Ou, alternativamente, poderíamos voltar para o ponto em que o veículo ciclopico interveio em nosso Universo criando um loop, passando assim a viver uma perenidade de repetições. Também existia a possibilidade dela ser excluída da existência tendo todas suas interações removidas do curso da história, transformando todas lembranças desses eventos em um delírio. Qualquer que fosse o caso, se sobrevivesse, não sabia sequer se reteria minhas memórias. De

certo modo, ela conseguiria um tipo de término, ao menos seria o fim daquele sonho, cujo desfecho os atos da inteligência artificial da nave transformou em pesadelo.

Esta realidade excedeu as expectativas de minha imaginação. Lembrei de uma citação de Mark Twain onde ele afirmava que os dois dias mais importantes da vida de uma pessoa eram o dia em que ela nasce e o dia em que descobre o porquê. Neste momento, dentro desta sala, pensava ter encontrado o segundo deles. A ficção é definida como uma construção imaginária em oposição a realidade e, mesmo esta sendo de difícil definição e cambiante conforme a percepção do observador, após os eventos ocorridos nesses últimos meses, teríamos que redefini-la.

O que as pessoas que não compreendem a mecânica quântica não percebem é que contar uma história não é diferente de vivê-la. Estamos simultaneamente presentes em todos os momentos dela e não seguindo linear e sucessivamente cada índice "t" de sua narrativa. Embora, esta acepção se constitua na nossa limitada concepção dos eventos. Não tinha medo, justamente porque a nossa espécie vivencia a passagem do tempo de forma progressiva, de modo que o número de intervalos que correspondem a nossa existência é ou pareça ser finito. Em outras palavras, consoante nossa cognição, ninguém vive para sempre.

Não tinha certeza das consequências do que estava fazendo, mas esperava que esta fosse uma daquelas raras vezes em que, mesmo se seguisse a escolha errada, chegaria ao lugar certo. Por isso agi e, enquanto estava extasiado com o vislumbre inesperado de um momento a parte do tempo, pensava que regularidades empíricas inerentes às dimensões, sobretudo a outrora temporal,

podiam ser calculadas matematicamente. Todavia, de maneira quase poética, por um breve momento que se tornaria constante, não havia mais diferença entre a eternidade e um instante.

...

Acordei!

**Se você gostou deste conto e deseja incentivar a elaboração de outros, divulgue-o, envie-o a seus amigos por e-mail e/ou escaneie o QR Code abaixo para doar 2 reais via PIX:**



**Alternativamente, utilize o link abaixo para doar 2 reais:**

<https://nubank.com.br/pagar/5j3pb/AWFBLhoqTb>

**Para contribuir com outra soma, utilize o QR Code abaixo e seu aplicativo perguntará o valor da contribuição desejada:**



**Alternativamente, utilize o link abaixo para doar outro valor:**

<https://nubank.com.br/pagar/5j3pb/NaVt7UjWcU>